

Rogério Rosa Rodrigues



O MESMO EM OUTRAS FORMAS

Rogério Rosa Rodrigues¹

“Em quem se deve acreditar hoje em dia? Veja, todos queremos esquecer algo... Então criamos histórias. É mais fácil deste modo.”²

Resumo

O texto procura discutir uma tendência que privilegia as regularidades na construção histórica em detrimento de uma abordagem que tem como objetivo o complexo e o irregular. Nessa discussão, apresenta-se como exemplo uma breve reflexão sobre o cotidiano dos militares que lutaram na Guerra do Contestado, sugerindo ser esse um espaço importante para se perceber os embates e conflitos circunscritos a um fenômeno social.

Palavras-chave: Regularidades, Cotidiano, Militares, Contestado.

Abstract

The text intends to discuss a tendency that gives privilege to the regularity in the historic construction avoiding a complex and irregular approach. It discusses the daily life of the militaries in the Contestado War, suggesting this as an important space to perceive the conflicts present in a social phenomenon.

Key-Words: Regularity, Quotidian, Contestado, Militaries.

História: uma ficção possível (?).

No Japão do século XI, três homens refugiam-se nas ruínas de um antigo templo chamado Rashomon³, dando início a uma das obras-primas

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a Orientação do Professor Dr. Sérgio Schmitz.

² Diálogo entre um padre e um lenhador no filme **Rashomon**, de Akira Kurosawa, produzido no ano de 1951.

³ Agradeço a gentileza e as ricas observações prestadas pela Professora Dr^a Maria Teresa Santos Cunha a este texto, bem como a indicação desse **chef-d’oeuvre** do cinema, dirigido por Akira Kurosawa.

do cinema, dirigida por Akira Kurosawa e produzido no ano de 1951. Em meio à tempestade, esses personagens - um lenhador, um padre e um plebeu - iniciam um diálogo que remete à narrativa do filme. A trama se desenvolve a partir do julgamento do assassinato de um samurai e o rapto de sua esposa. Os personagens, ao discorrerem sobre o fato, levam o expectador às versões do crime, que vai se revelando a partir do ponto de vista de cada testemunha.

O assassino e a mulher são os primeiros a ter voz. Suas versões são divergentes e sempre acrescidas de suas posições na escaramuça. O assassino, uma vez confesso o crime, busca valorizar sua ação e o papel de guerreiro honrado e valente; a esposa delata as humilhações sofridas, o desdém do marido após ter sido violentada pelo bandido e conclui portando-se como vítima de ambos os homens. Uma terceira versão é dada pelo próprio morto, através de uma médium que invoca seu espírito. Na história do morto, a mulher é acusada e o assassino absolvido, embora este também valorize seu papel de guerreiro e bravo. O episódio vai diferindo sensivelmente à medida que os personagens acrescentam suas respectivas versões, relatando suas experiências a partir dos seus desejos, escondendo suas fraquezas e, ao mesmo tempo, demarcando o que deveria ser lembrado, assim como aqueles que deveriam ser condenados.

No entanto, enquanto relatavam seus respectivos papéis na cena, esses personagens iam deixando novas lacunas que são questionadas pelo plebeu: único que aparece como expectador entre os três personagens diante do templo, pois tanto o padre quanto o lenhador conheciam a história e a estavam narrando. É aí que entra em cena a participação do lenhador como um quarto narrador que teria participado da ação como observador, uma vez que a tudo assistiu escondido em meio à mata. Sua descrição, a última da trama, preenche as lacunas deixadas pelos personagens anteriores. Sua história vai relevando o papel dos envolvidos na ação e, aparentemente, figura como o olhar verdadeiro e imparcial acerca do conflito. Vale destacar que os relatos anteriores ocorreram diante de um tribunal e a história do lenhador era a única versão não-oficial do ocorrido. Sua versão, portanto, possuía ares de quem vê de fora e, dessa maneira, teria a primazia do desvendamento. Porém, as coisas mudam de lugar quando o plebeu o faz lembrar de que, na morte do samurai o assassino havia narrado a existência de um punhal incrustado de uma pedra preciosa, o qual não fora roubado por ele, nem tampouco encontrado junto ao morto. Diante disso, a aparente imparcialidade do lenhador se esmorece: também ele escondera algo em sua história; também tivera sua participação no crime ao furtar o punhal e construíra a sua versão sobre o fato, preenchendo lacunas, mas encobrindo os rastros de sua atividade.

Kurosawa, com muita habilidade, conclui o filme sem desprezar nem supervalorizar os múltiplos olhares sobre o crime. O tratamento que dispensou aos personagens buscou aproximar a ficção da realidade, onde cada um constrói a sua história a partir do seu ponto de vista. Produzido no ano de 1951, este *chef-d'oeuvre* do cinema sugere algumas possibilidades à labuta do historiador, qual seja, a possibilidade de se construir uma história que prime pelo múltiplo, pelo complexo e irregular. Uma história onde os conflitos sejam aflorados, onde as vozes dos personagens sejam ouvidas, suas versões imortalizadas e, principalmente, suas histórias respeitadas. De acordo com Maria Odila Silva Dias,

“Nossa contemporaneidade desafia o conhecimento institucionalizado em busca da reinvenção, sobretudo no plano político, de novos meios de convívio e de reajustamento de valores sociais, étnicos, diferenciados, minoritários, em confronto com o sistema centralizado de massificação, que conhecemos e que nos cerca em nosso dia-a-dia. Trata-se de uma esperança democrática depositada na sobrevivência de múltiplas diferenças culturais, apesar das exigências homogeneizantes de organizações multinacionais, centralizadoras.⁴”

Talvez o papel do historiador possa ser comparado, no filme, com o do lenhador, ou seja, aquele que vê de fora do acontecimento, sem ter vivido o mesmo, preenchendo as lacunas das vozes ecoadas. Nessa metáfora, também não há que se desprezar o fato de que os historiadores às vezes omitem em suas histórias, mas sua omissão, tal como a do lenhador, está voltada mais pela sua participação na pesquisa, através dos referenciais teóricos e ideológicos com os quais está ligado, do que com os fatos que busca encadear numa narrativa a partir de documentos diversos⁵.

Walter Benjamin, em seus comentários sobre a história, já alertava que “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão

⁴ DIAS, M. O. S. Hermenêutica do Cotidiano na Historiografia Contemporânea. In: **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998, p. 257.

⁵ “O conhecimento histórico é mais do que o estudo do presente, pois constrói-se na medida do diálogo estabelecido entre o historiador e fragmentos do passado, que vão se ampliando na medida em que aquele diversifica suas questões. O processo crítico de construção desse diálogo é feito do confronto dos conceitos contemporâneos com os conceitos embutidos nas suas fontes. A ampliação das possibilidades desse diálogo depende da colocação das questões aptas a ampliarem o seu alcance”. DIAS, M. O. D., Op Cit, p. 234.

em segurança se o inimigo vencer⁶”. Isso nos coloca frente a uma realidade que, embora pareça ser bastante conhecida nos debates atuais do ofício, pouco tem sido feito efetivamente para que se ponha em cheque o *status quo* desse “inimigo”.

Muito se tem feito e discutido na historiografia contemporânea com relação aos novos objetivos, às novas fontes e novos olhares na pesquisa histórica. O nosso discurso voltou-se, nos últimos anos, ao interior dos lares, às cenas privadas e até mesmo íntimas das sociedades do passado, assim como à experiência de novos personagens que trafegam entre os trabalhadores rurais e urbanos, “desclassificados sociais”, mulheres, homossexuais e quantos foram - e continuam sendo - jogados à margem do processo político-social, que não os vêem como prioridade em suas propostas e ações para o futuro da nação. Nesse sentido, a historiografia, e não apenas ela, tem desempenhado um papel importante na construção da cidadania ao dar voz a tantos anos de silêncio e exclusão a que esses personagens foram submetidos.

Penso que, nesse contexto, vale uma discussão sobre o tempo homogeneizador que tanto nos persegue: herdeiros que somos de uma tradição cristã-ocidental sedimentada pelos valores iluministas que hoje parecem estar em decadência, mas que ainda se satisfaz e exige o *happy end*, o maniqueísmo, a simplificação, uma versão fechada e centrada apenas de um ponto de vista⁷. Temporalidade que às vezes privilegia, nas pesquisas, somente o que normatiza, o que é coerente e as regularidades; não incentivando e muitas vezes negando outras possibilidades de trabalhos que porventura venham a trilhar caminhos divergentes.

Nesse processo de simplificação da experiência humana, o exército ocupa um papel importante, pois nele se encontra o espaço, por excelência, da obediência, da hierarquia e do controle. Espaço este da banalização da vida, da prioridade ao simples. Não é à toa que, durante o período denominado Estado Novo, foram as instituições militares proclamadas como modelo a ser adotado na sociedade, seguindo a experiência de Mussolini, na Itália, e de Hitler, na Alemanha⁸.

Porém, quais os riscos e empecilhos de uma construção onde tudo se encontra, tudo tem um fim, onde o resultado é previsível, mesmo que seja

⁶ BENJAMIN, WALTER. Sobre o Conceito da História. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.224.

⁷ Conforme Maria Odila Silva Dias “O convívio uns com os outros de remanescentes de outros modos de vida em meio a um processo tecnológico avassalador de re-europeização do mundo deixa aos antropólogos e historiadores o desafio de interpretar indícios que ficaram de manifestações de vida e sociabilidade agora contaminadas. Um recurso importante para apreender esses remanescentes é concentrar atenção na coexistência de múltiplas temporalidades”. DIAS, M. O. D., Op. Cit, p. 231.

⁸ Conforme nos alerta LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. São Paulo: Papirus, 1986.

um resultado de “pizzas”? Ou seja, por que não o consolo dos discursos regulares, cronológicos, homogêneos e lineares? Uma das respostas é que tal construção serve, antes de tudo, para nos catequizar, restringindo nossos olhares e possibilidades para o complexo e o não regular. Não vale também trocar o sincrônico pelo anacrônico, ou simplesmente apregoar um manifesto em favor do caótico e do “vale tudo”. O interessante é proclamar sim novos caminhos para a vida, e que estes perpassem também a nossa própria matriz intelectual, estabelecendo um diálogo constante com a linguagem, estando atento e consciente com a construção textual e com os modelos teóricos que adotamos. Isso porque simplificar o cotidiano significa, entre outras coisas, massificar a experiência humana, ofertando-a como matéria vendável, reforçando os estereótipos e representações da cultura dominante⁹.

Outro empecilho dessa tradição iluminista, que herdamos e vemos ser alimentada diariamente, é a crença messiânica conformista que deixa sempre para amanhã as soluções para os problemas atuais; o sonho com a chegada de um salvador que nos redima e liberte; de um príncipe que conosco cavalgue por campos floridos e, finalmente, por uma tendência em polarizar os eventos em busca de mocinhos e bandidos. Tal qual um *bang-bang* ideológico, “a hermenêutica do cotidiano depende em grande parte desse desafio da teoria do conhecimento, pois pressupõe formas de apreensão da experiência de vida em sociedade, que só ganham sentido com a dissolução dessas dualidades¹⁰”. Poucas vezes enxergamos as diversas potencialidades circunscritas a um grupo social – tal como não o fazemos em relação às pessoas que nos cercam. Buscamos, antes, atribuir-lhes valores, para, enfim, julgá-los, sem contudo reconhecermos que já temos preparado, de antemão, o veredicto. Enquanto preservarmos, para não dizer cultuarmos, essa tradição como única possibilidade de trabalharmos com a história, estaremos presos nas malhas de uma sociedade onde os valores do consumo são priorizados e onde os personagens do passado entram em cena antes como fantoches ou heróis, do que como figuras dignas a despertar em nós uma reflexão sobre a nossa condição e nosso papel na sociedade em que vivemos. Nas palavras de Edgar Morin, “Precisamos aprender... que a revolução atual não se dá no terreno do combate mortal das boas e verdadeiras idéias, contra as más e falsas, mas no campo da complexidade do modo de organização das idéias. Assim, pensar implica recusar de modo permanente o avanço das simplificações.¹¹”

⁹ “A mercantilização desse gênero historiográfico é uma das explicações para a persistência de certas linhas da pesquisa da história cultural e do cotidiano, as quais reforçam as representações e os estereótipos da cultura dominante”. Conforme nos alerta DIAS, M. O. S., Op Cit, p. 231.

¹⁰ Idem, p. 232.

¹¹ MORIN, E. *O Método*. (v.4) Apresentação. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

Os Conflitos do Cotidiano

Se tal perspectiva não é pouco significativa nas nossas ações cotidianas, também não é menos recorrente na construção histórica. Como ilustração, vale chamar a atenção para o caso do conflito conhecido como Guerra do Contestado, primeiro por ser este o foco da minha atual pesquisa e, depois, por se tratar de um caso emblemático que figura em boa parte dos manuais e livros didáticos como uma sombra do que ocorreu em Canudos. Este movimento, que teve como cenário os sertões de Santa Catarina e Paraná entre os anos de 1912 e 1916, possui um arsenal de publicações que cresce a cada ano, inspirando desde pesquisas acadêmicas das mais diversas áreas, até outros interessados no assunto como fazendeiros¹², folcloristas¹³, jornalistas¹⁴ ...

No volume de publicações sobre o tema, percebe-se que a literatura divide-se – grosso modo – entre dois pontos-de-vista. Primeiro, há os que buscam defender e explicar o fenômeno do ponto de vista dos sertanejos, enfatizando a exploração a que estavam submetidos pela política coronelística, pela chegada da estrada de ferro na região e pela miséria e abandono político-religioso a que estavam relegados¹⁵. De outro lado, temos aqueles que defendem a idéia de que os sertanejos eram bandidos e fanáticos religiosos que se revoltaram contra os poderes públicos da época¹⁶. Esses dois pontos-de-vista, que acabam se confundindo, comungam, em alguns casos, do mesmo olhar simplificador das práticas e ações presentes no cotidiano do movimento, circunscrevendo-o a uma arena ficcional romantizada que nega, ou ao menos omite, o direito a incoerências, repetições, tropeços e enganos.

¹² CAVALCANTI, Walter T. **Guerra do Contestado: verdade histórica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

¹³ FELIPPE, Euclides J. **O Último Jagunço: folclore na história da Guerra do Contestado**. Curitiba, SC.: s/ed., 1995.

LENDAS CABOCLAS DO CONTESTADO. Departamento de Cultura e Turismo, Prefeitura Municipal de Caçador. S/ed. Outubro de 1989.

¹⁴ DERENGOSKI, **Os Rebeldes do Contestado: a saga dos caboclos expulsos pela ferrovia da Southern Lumber Corporation em Santa Catarina e Paraná**. Porto Alegre: Insular, 1987.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. **O Desmoronamento do Mundo Jagunço**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

¹⁵ AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. La "Guerre Sainte" au Brésil: le mouvement messianique du Contestado. São Paulo: FFCL – USP, 1957. (Coleção Boletim n°. 187, Sociologia I, 5).

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do Contestado 1912-1916**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

¹⁶ LUZ, Aujor Ávila da. **Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CABRAL, O. R. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

Vale ressaltar que constantes tentativas têm sido feitas com o objetivo de romper com essa visão reducionista e apresentar o conflito como um palco complexo e conflituoso, onde as paixões, ambições e desejos dos mais diferentes sujeitos afloravam de alguma forma. O trabalho de Douglas Teixeira Monteiro¹⁷, publicado na década de 1970, foi um marco nesse sentido. Também vale destacar, atualmente, o esforço do professor Paulo Pinheiro Machado¹⁸, que muito tem contribuído para romper com os olhares simplificadores lançados sobre o movimento. Porém, se avanços têm sido feitos no que diz respeito ao envolvimento dos sertanejos no conflito, o mesmo não tem ocorrido em relação à participação militar, talvez pelo fato de ser o exército uma instituição que muito contribui para a cristalização desse olhar homogeneizador tantas vezes reproduzido.

Caso assim seja, seria importante “desconstruir” esse cânone sobre o qual as forças militares ergueram seus pilares - o de uma força coesa, homogênea e obediente - e, com isso, apresentar o exército, na Guerra do Contestado, como uma instituição que possuía uma organização suficiente para cumprir a tarefa que lhe foi confiada: - a de dar fim ao movimento sertanejo - mas que também conviveu com conflitos latentes: insubordinação, revoltas, desejos e ambições próprias e circunscritas ao convívio diário no palco do conflito.

Na Guerra do Contestado, como também nos sugerem as demais experiências de guerra, o medo, a incerteza e a inconstância acompanhavam os passos dos soldados. O desconhecimento do terreno, a ausência de cartas geográficas que precisassem a região, bem como as insuficientes, e muitas vezes duvidosas, informações colhidas dos habitantes locais, acabou agravando a atuação militar no conflito. Até agosto de 1914, os limitados recursos destinados à Guerra preocupavam e contribuíam para a insatisfação generalizada dos que lutavam em nome da nação. A escassez de alimentos, de fardas, de remédios, material de apoio e bélico eram denunciados pela imprensa de Florianópolis¹⁹, sendo freqüentemente relatados nas partes de

¹⁷ MONTEIRO, Douglas T. *Os Errantes do Novo Século*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

¹⁸ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas.

¹⁹ Como a nota publicada no Jornal *O Estado*, Florianópolis, 01 de setembro de 1915:

“(...) Atirados aqui sem o mínimo conforto, sujeitos ao rigor da estação invernos, ainda tiram nossos minguados soldos, paga do sacrifício de nossa saúde. (...)”

Quanto ao fardamento, ainda este ano nada recebemos, estamos descalços porque nem ao menos podemos comprar botinas à paisana. (...)”

Muitos de nossos companheiros, quase andrajosos, já não parecem soldados da Pátria, e sim mendigos de estrada. (...)”

Devido a esta situação os nossos companheiros adoecem às dezenas, e não há medicamentos para socorrê-los. E ainda ficamos satisfeitos quando não nos dão baixa por incapacidade física”.

combates enviadas pelos oficiais ao comandante da expedição²⁰.

Acompanhando as informações presentes nestes documentos, percebe-se que o cotidiano da Guerra ocorreu ao revés das narrativas lineares e homogêneas immortalizadas por uma história dos grandes feitos. A embriaguez pela cachaça, a insubordinação aos superiores, os jogos e lutas corporais entre seus pares era algo comum na rotina dos militares, merecendo severas penas como prisão, suspensão do dia de folga, serviços forçados, castigos corporais, quando não a exclusão do Exército. A presença de pessoas das mais diversas formações e de diferentes regiões do Brasil contribuía para tornar complexa e conflituosa a organização dos corpos, exigindo leis e ações severas contra os infratores.

Além disso, encontram-se, também, relatos dos militares que esboçam uma certa identificação com os sertanejos e seus valores. Esse aparente despropósito parece repousar numa ausência imediata de motivações que justificassem o emprego de forças armadas na rebelião de um grupo de sertanejos que, num primeiro momento, reivindicavam tão somente viver suas crenças religiosas em São João Maria. Somava-se a isso a constatação e crítica - por parte de oficiais do Exército - dos interesses politiquieiros que envolviam a repressão ao movimento. Em Canudos, por exemplo, o fantasma do imaginário monarquista foi mobilizado e incentivou a participação de vários segmentos da sociedade a aderir e apoiar o combate contra os seguidores do Conselheiro, contribuindo, entre outras coisas, para dar corpo ao inimigo. No Contestado, num primeiro momento, o mesmo parece não ter ocorrido. Se questionarmos os documentos existentes sobre contra quem se estava lutando nos sertões catarinenses, não encontraremos resposta, senão as indicações de que era contra fanáticos religiosos. A designação generalizada de bandidos e sanguinários só ocorreu a partir de fins de 1914, quando já haviam padecido inúmeros soldados no campo de batalha, e não menos sertanejos. Mas, valendo-nos de indagações da própria imprensa da época, retrucamos: seria isso motivo suficiente para tamanho empenho? Parece-nos, porém, que com o desenrolar da Guerra construiu-se uma imagem sobre o inimigo, haja vista que, após os combates, muitos soldados e oficiais que morreram foram transformados quase que em mártires dos que lutavam em nome da nação²¹. Assim, aqueles que no início eram considerados fanáticos, aos poucos se viram transformados em bandoleiros, selvagens e

²⁰ Conforme consta no Arquivo do Exército, no Rio de Janeiro. Tais partes de Combate estão distribuídas em aproximadamente 30 caixas, todas referentes ao conflito nos sertões catarinenses.

²¹ O exemplo de maior destaque é o do Capitão do Exército, Mattos Costa, identificado como defensor dos "fanáticos" e morto durante uma batalha na Estação de Calmon, em setembro de 1914.

boçais. Trajetória essa perfeitamente visível no tratamento dado pela imprensa catarinense do período às organizações religiosas dos sertanejos que viviam na Região do Contestado²². Tais representações, além de coincidir com a perda de inúmeros soldados no campo de batalha, também foram intensificadas a partir da atuação do General Setembrino de Carvalho no comando geral da expedição; uma atuação marcada por um investimento maciço de dinheiro público na campanha de combate aos sertanejos.

Podemos nos perguntar, também, se até este momento os corpos que compunham a força atuante no palco do conflito, em pleno processo de modernização do exército²³ e enfrentando críticas vindas da própria instituição, não eram eles carentes ainda de uma ideologia ou formação militar tal como entendemos hoje. Mesmo que assim não fosse, ou seja, mesmo que nos anos de repressão ao conflito tivéssemos um quadro disciplinado, com formação sólida, ainda assim ficamos receosos se pensarmos que boa parte dos que lutavam, principalmente entre os praças e soldados, possivelmente provinham de grupos sociais que enfrentavam problemas semelhantes, tais como exploração e desapropriação de seus bens – isso para os que os tinham – assim como também poderiam compartilhar das crenças religiosas não muito distantes das que presenciavam no front. Adiciona-se a isso o fato de os militares estarem em campo completamente desconhecido, enfrentando as intempéries, a vegetação a eles estranha, além da falta de recursos necessários – tanto materiais como ideológicos – para a luta, formando um cenário interessante que pode nos apontar motivações suficientes para que estes abandonassem os quadros do exército, ficassem sobressaltados com a repressão ao movimento, ou mesmo que alguns se juntassem às reduções dos sertanejos²⁴.

Um relato, escrito por um oficial do Exército e reproduzido pelo *Jornal Folha do Comércio* em Florianópolis, parece emblemático para o que foi apresentado até o momento. O mesmo trata do combate ao chamado “reduto” de Taquarussú, empreendido em fevereiro de 1914. Após expor ao leitor sobre a hora, local, comandante e demais personagens que participaram do ataque, relata:

²² Conforme RODRIGUES, R. R. *Notícias do Front: a imprensa catarinense e sua representação sobre a Guerra do Contestado (1912-1916)*. Florianópolis, 1998. (Relatório Final de Pesquisa PROBIC/UDESC).

²³ Conforme demonstra CARVALHO, J. M. de. *As Forças Armadas*. In: FAUSTO, B. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições, 1889-1930. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1990, v.2, t.3, p. 190.

²⁴ Conforme consta nos diversos relatos da época, principalmente as memórias de oficiais de participaram do combate. Como exemplo pode ser destacada a narrativa de Assumpção, que relata a deserção de um corneteiro do exército que se juntou ao movimento dos sertanejos. Ver ASSUMPCÃO, H. T. de. *A Campanha do Contestado: as operações da Coluna Sul*, v. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1918, p. 186.

“Uma hora depois de iniciado o combate, com o binóculo já se distinguia vários cadáveres no reduto, sendo que a uma hora da tarde a artilharia produzia o seu primeiro incêndio e logo depois via-se que muitas mulheres e homens começavam a abandonar o reduto fugindo dispersos em várias direções.

(...) E assim tiroteamos até às 3 ½ horas, quando tocou cessar fogo a fim de deixar fugir quem quisesse.

Nessa ocasião via-se centenas de mulheres espavoridas fugirem por todos os lados, arrastando feridos, carregando entes queridos, dando-me esse quadro uma tristeza tal que os meus olhos se encheram de lágrimas, mas a minha posição de soldado mandava que escondesse e assim o fiz!

A noite aproximou-se e nós ainda não éramos senhores do reduto; por isso resolveu-se passar a noite toda no lugar do combate para continuar no dia seguinte.

Dizer o que sofremos nessa noite é impossível!

Basta dizer que passamos toda a noite debaixo de uma chuva torrencial, não tendo sequer uma árvore para nos abrigar.²⁵”

Em seguida, o autor descreve o amanhecer e o número de cadáveres encontrados, além dos procedimentos de rotina, como reconhecimento do local e comunicação aos superiores do que ocorreu. Porém, vale destacar nesse relato a forma como esse oficial noticiou o combate, fugindo daquilo que muitas vezes se imagina ser a postura de um membro das forças repressoras, que tinha como papel combater os considerados inimigos da nação, ou seja, longe daquela representação homogeneizante e pré-concebida, que tanto faz parte de um mundo que preza pelas regularidades e pelo que se encaixa. No seu relato, ele não omite o ataque às mulheres e crianças, tantas vezes deixados de lado pelo vencedor ao se comemorar a vitória sobre o “inimigo”; afirma ter se emocionado diante dos destroços que presenciava, assim como enfatiza a resistência dos sertanejos.

Outro elemento importante é o fato de não terem invadido na mesma noite a Vila onde viviam os denominados fanáticos, além de não terem buscado abrigo da chuva, pois isso indica não eles não tinham, ainda, a certeza da vitória, estando apreensivos com um ataque de surpresa, o qual poderia ocorrer a qualquer momento a partir de vários pontos da floresta: um meio

²⁵ Florianópolis, *Jornal do Comércio*, 25-02-1914

hostil e desconhecido pelos soldados e oficiais. Ao enfatizar a resistência dos sertanejos, nomeando-os “*valente defensor de sua posição*”, este oficial pode sugerir o quanto árdua e, portanto, gloriosa foi a vitória sobre os mesmos, além de também nos demonstrar – e a forma como todo o texto foi construído parece corroborar essa idéia – um certo respeito para com o inimigo.

Além disso, a matéria apresenta um pouco das dificuldades enfrentadas pelos militares como a chuva, o frio e os riscos da fuzilaria inimiga, denunciando o cotidiano dos mesmos e abrindo uma lacuna por onde podemos nos perguntar: qual seria a postura/reação dos defensores da nação diante da morte? Morte que certamente, na sua maioria, era do *outro*, mas que não impedia de que os fizessem refletir na sua própria. Insegurança e, provavelmente, desespero que podem ser mais bem ilustrados numa outra declaração - a do general que comandou toda a expedição, de maio a junho de 1914, apresentada em seu relatório sobre o tempo que atuou no Contestado:

“durante quase todo o trajeto, os soldados eram fustigados por atiradores invisíveis, escondidos no meio da floresta. De nada adiantava varrer os arredores a tiro de canhão, ou tirotear a esmo, ou ordenar descargas de fuzil contra folhagem. Sistemáticamente os guerrilheiros caboclos iam espalhando a morte e o medo na tropa que avançava.”²⁶

Diante desse quadro, novamente enfatizamos que, alguns militares que atuaram na repressão aos sertanejos nos sertões catarinenses, se não eram simpáticos, ao menos chegaram a compartilhar do seu mundo em meio às dificuldades que enfrentavam. E se isso não depor a favor de propostas de trabalho que pensam o fazer do historiador como um exercício constante entre o complexo e o simples, sincronia e diacronia, o conflituoso e o regular, ao menos tem como pretensão enfatizar - o que alguns teóricos vêm fazendo com muita propriedade – o quanto a história se distancia da nossa vida ao prender-se a uma construção que privilegia apenas o que se acomoda e o homogêneo, em detrimento da pulsação latente das potencialidades. E um dos caminhos interessantes para explorar esse labirinto é através de uma pesquisa que analise as múltiplas faces do cotidiano, implicando também uma mudança na nossa própria forma de trabalhar e entender o *savoir faire* histórico. Enfim, em sintonia com as reflexões de Maria Odila, vale destacar que:

²⁶ Apud QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. Op Cit, p.176.

“o cotidiano constitui uma área de estudos voltada para a apreensão das diferenças, para a documentação de especificidades. Procura abarcar o conhecimento dentro das necessidades concretas dos seres humanos em sociedade, face a totalidades hegemônicas, à cultura massificada. Nesse sentido, a hermenêutica do cotidiano, em vez de fragmentar participa em cheio dessa busca de conhecimentos novos para seres sociais, concretos e pois diferenciados, culturalmente diversos.²⁷”

²⁷ DIAS, M. O. S. D., Op Cit, p. 258.